

**CARNEIRO, Caio Porfírio — Os Meninos e o Agreste. São Paulo, Livraria Quatro Artes Editôres, 1968, 144 pp.**

Dizer-se que C.P.C. está “radicado” entre nós, talvez seja imprecisão ou convencionalismo de linguagem, pois sua criação literária revela cada vez mais fundamentamente a presença irredutível de suas raízes nordestinas. Ainda em Fortaleza, inicia a carreira de letras, fazendo jornalismo e publicando na imprensa seus primeiros contos. É com este gênero que se lança no movimento editorial: TRAPIÁ (1961 — Livraria Francisco Alves). Tenta em seguida a novela, com O SAL DA TERRA (1965 — Ed. Civilização Brasileira) e agora nesta recente publicação retorna à estrutura literária com que se iniciara: o conto.

Situados no agreste conviver do Nordeste, os treze contos que se reúnem no volume em epígrafe estão agrupados em dois blocos distintos. No primeiro, “Os meninos”, como o próprio título já o diz, o foco de interesse incide sobre personagens que estão no estágio da infância ou da puberdade; e no segundo, “O agreste”, os que vivem (ou desvivem) o estágio extremo da vida: a velhice. Entre esses dois pólos da existência transitam as histórias de C.P.C. tendo a identificá-las e, em essência, a anular as diferenças de idades (e de dramas também!) de seus personagens, a semente de violência e de destruição latente em cada um deles.

O namôro de um menino doente (“O Bilhete”); a curiosidade erótica de um menino sensível (“O Pecado”); o presente de umas alpercatas novas (“As Alpercatas”); a paixão de um menino por ouvir histórias (“Nestor Amarício”); a dinamitação de uma pedreira (“Zeca Perneta”); a caduquice de um velho (“O Gibão de Couro”), etc., etc., são alguns dos incidentes do mais banal cotidiano que C.P.C. consegue transfigurar pela palavra criadora e elevar ao alto nível dramático que define o seu estilo contido, lacônico... construído de palavras breves, radicadas em uma essencialidade poética profunda.

Alimentadas por um cotidiano vulgar e estreito, as histórias relacionadas por C.P.C. emergem da rasteira dimensão do real, onde arrai-gam, para atingir num crescendo dramático as fronteiras da tragédia.

A criação literária de C.P.C. junta-se àquelas que, nestas duas últimas décadas (depois do esgotamento do romance nordestino de 30) têm vindo provar que a força dramática do regionalismo brasileiro ainda não se exauriu, como parecia ter acontecido a certa altura, quando a fórmula criadora daquele primeiro romance estereotipara-se em repetições estereis. Na verdade, a exaustão não era das forças vitais das “regiões”, mas apenas dos processos expressivos que as veiculavam. E a literatura regionalista renasceu, já agora num pla-

no narrativo em que tôdas as invenções da técnica contemporânea são manipuladas, ao sabor de cada individualidade criadora.

Dessa renovação temática e estilística a ficção de C.P.C. é bem uma testemunha. Senhor de um estilo sôbriamente dramático, elaborado sôbre uma complexa estrutura narrativa, o escritor cearense possui como poucos a arte do “suspense” e um seguro pulso de contista. Jogando hábilmente com a interpenetração do “tempo interior” da personagem e o “tempo exterior” dos fatos, êle cria uma atmosfera dramática, tensa, que se estica, sem alento, sob a calma longa de um cotidiano arrastado onde aparentemente nada acontece.

Essa fusão dos *planos temporais* (que dá viveza ou lentidão ao relato); a mobilidade do *foco narrativo* (ora narrando de fora, ora aderindo a uma personagem); a *objetividade narrativa* (pela apreensão nítida e definida da realidade enfocada); a arguta manipulação dos “índices metafóricos” (elementos que sugerem, desencadeiam ou fazem pressentir o drama: o “poço”, a “chuva”, os “casarões em ruínas”, o “vento”, as “alpercatas”, etc.); a *adequação lingüística e estilística* às situações psicológicas sugeridas... são alguns dos elementos estéticos que permitem incluir o processo criador de C.P.C. entre os dos melhores ficcionistas de nossa atualidade.

Ligada profundamente às linhas de força do momento presente, a sua ficção apresenta como problemática essencial, a violência, encarada como poderosa força vital a impulsionar os atos do Homem. Em se tratando de obra arraigada no húmus nordestino, essa nossa afirmação poderia dar a entender (a quem ainda não leu C.P.C.), que a presença dessa problemática não estaria trazendo nenhuma novidade, tão larga é a tradição de violência que marca a literatura regionalista (e que nos filmes nacionais, por exemplo, vem sendo explorada de maneira exaustiva... pois convencionalmente essa violência irracional passou a expressar o “folclórico” que nos define como povo, o “folclórico” que ainda encontra mercado lá fora...)

Porém em C.P.C. o problema é detectado sutilmente por um ângulo totalmente distinto do primeiro. O que êle registra é a violência fria, a que não se exterioriza em grandes gestos de agressão, justamente aquela que vem sendo captada, sob as mais diversas formas, por certa literatura que surge nestas duas últimas décadas.

Esclarecendo: trata-se agora não mais da violência de caráter *sociológico* que marcou o anterior romance regionalista (a violência gerada por certas e definidas condições do meio-ambiente), mas sim a de caráter *ontológico* (a que brota no homem, vinda das profundezas obscuras e enigmáticas do seu ser essencial).

E é precisamente neste ponto (o desvendamento de uma face terrível da essencialidade humana) que se nos revela com maior nitidez a perfeita adequação entre a problemática nuclear do escritor e o seu processo narrativo, cujo “travejamento” estilístico é realmente digno de análise, pelo que desvenda de cuidada elaboração. E para darmos apenas um breve exemplo dessa inter-relação que se estabelece entre temática e técnica (essencial em tôda obra de arte...) chamamos a atenção para o tratamento dado ao Tempo.

O que caracteriza o “jôgo temporal” nesses contos é a oposição de um *tempo exterior* longo e lento, nítido e pacífico (o tempo que marca o relacionamento humano num cotidiano vulgar despido de dramaticidade), a um *tempo interior* curto, opresso, fragmentado, cujo registro em breves palavras secciona aquêlê “tempo geral” que a tudo engloba e nêlê provoca uma quebra, uma fragmentação mal percebida numa leitura desatenta ou superficial.

Êsse “jôgo temporal” (que evidentemente estabelece os vigamentos da estrutura narrativa) é alimentado subterrâneamente pela consciência de que a violência é um dos impulsos básicos do homem; uma violência que, como os outros impulsos (os do estômago e do sexo), são domados e contidos em determinados limites, pelas restrições de comportamento exterior, estabelecido pelo grupo social.

Dai, portanto, em todos os contos, a presença de um incidente, aparentemente sem importância, que se infiltra sutilmente em seus personagens e inexplicavelmente vai-se transformando de um banal incidente (que quase nenhum espaço deveria tomar na área dos acontecimentos gerais) m ôrça única, absorvente e existencialmente decisiva para a personagem e que, em dado momento, se resolve num ato brusco e breve (as mais das vêzes apenas sugerido pelo contista), mas que altera essencialmente determinada realidade. (Cf., por exemplo, a “rasteira” final do conto “O Poço”).

É sem dúvida terrível, mas atualíssima, a visão essencial do Homem que C.P.C. registra nestes contos aparentemente simples de *Os Meninos e o Agreste*. Ela nos dá um Homem ontologicamente destinado à violência e ao impulso de destruição. Impulsos interpretados como exteriorizações de uma poderosa força vital que é contida pela “consciência social”, plasmada e solidificada pelo “corpo de valores” impostos pelo grupo. Impulsos cuja repressão consegue ser burlada aqui e ali, e que libertos, atuam, voltando depois à contenção anterior.

Não se julgue, a partir dessa interpretação, que a mencionada visão essencial aflora claramente ao *nível episódico* dos contos ou aparece registrada na própria estória... pois não é êsse o processo usado pelo escritor cearense. Talvez apenas em um conto (“O pecado”) ela transpareça diretamente, revelando a violência contra a repressão, limitada à área erótica e adquirindo assim um claro sentido ético.

Ainda em reforço daquela visão essencial que apontamos, parecem importante registrar que apenas cinco (“O Bilhete”, “As Alpercatas”, “Nestor Amarício”, “O Menino e o Sortilégio” e “O Sonho”) não estão ligados a um ato de violência que parte do homem. Note-se, porém, que com exclusão de “O Sonho” (onde a violência se revela na ânsia de Eliardo para romper com o status de miséria a que a vida o condenava), todos os demais tem por fulcro a suprema violência que ameaça a todos os seres vivos: a *morte natural*.

A violência, interpretada como um dos impulsos vitais básicos do Homem, é a nosso ver o núcleo gerador da criação literária de C.P.C. Inegavelmente, uma desalentadora visão da condição humana. Porém para que não se deduza apressadamente que seu universo ficcional é negativo e totalmente descrente do Homem, cumpre-nos observar ainda um elemento que joga um papel decisivo na significação da cosmo-visão” ali represada.

Trata-se da presença, ainda difusa mas já perfeitamente apreensível, de uma consciência que vê essa irredutível violência destruidora como a porta que se oferece ao Homem (neste mundo de valores em crise), para que um novo solo seja pisado. E ainda aqui, C.P.C. se inscreve na linha mais atual da literatura contemporânea. Segundo essa imprecisa e incipiente consciência, violência é libertação, é porta aberta para o nascimento de um outro Homem, mais autêntico, mais completo.

É isso, se não incorremos em erro, o que nos revela de maneira simbólica o escritor cearense, no conto que fecha o livro: “O Adulto e o Sortilégio”, quando depois de destruído o relógio (que marcou sempre o tempo dos “outros” e esqueceu-se de si mesmo...) e de assassinadas as tias velhas (remanescentes de um tempo em ruínas) o personagem-narrador e sua tia Odete (“—tão nova!—”), despem-se das formas mortas, o casarão que “guardava uma mansuetude de par eterna. Não mais a precária paz dos inquietos e desvalidos”. A frase que encerra o conto condensa simbolicamente toda uma nova visão do Homem: “Demo-nos as mãos e fomos para a noite, libertos.” Essa sensação de euforia e libertação, após a fria e cruel violência cometida contra as velhas tias, surgirá ao leitor como uma hedionda atitude de anormais, se ele não tiver decifrado o profundo simbolismo do conto: a libertação do Ser para uma nova vida é precedida sempre pela violenta destruição das formas mortas que se erguem como obstáculo entre ele e as novas realizações.

Inserido na linhagem da mais autêntica ficção contemporânea, C.P.C. não maneja “casos exemplares”, não lida com “tipos”. Sua arte apreende em suas histórias o individual, o particularíssimo, a experiência intransferível de um determinado ser humano, e nelas através do processo poético-simbólico com que as transfigura, capta a essência universal que se oculta em cada ser. Marcadas irredutivelmente por um convívio específico, o nordestino, suas personagens apresentam, porém, no nível de sua significação essencial, a imagem da condição humana, tal como é vista hoje por determinadas consciências críticas...

*NELLY NOVAES COELHO*